

**CONVITE À CAMA:
AS MULHERES E A AUTONOMIA QUE INCOMODA**

Alvanita Almeida Santos (CEFET-BA)
alvanita@cefetba.br

GÊNERO E DISCURSO: UMA ESCOLHA METODOLÓGICA

– **Reginaldo, Reginaldo, vassalo do rei querido,
Quem me dera, Reginaldo passar uma noite comigo.
(bis)**

A duras penas, as mulheres foram conquistando espaços e assumindo posturas mais ousadas, arriscando decisões que poderiam levá-las para uma margem nem sempre desejada. No mundo diverso das culturas ocidentais, elas passaram por situações de prestígio, quando consideradas deusas, em muitas das sociedades conhecidas, e por situações que as foram empurrando para a sombra. Esse percurso, com certeza, não foi trilhado com passividade e aceitação ou resignação apenas, por mais que uma cultura cristã, especialmente a que dominou a Idade Média, com o catolicismo, tivesse feito de tudo para convencer as mulheres de sua condição de subordinação, de sua participação apenas coadjuvante no teatro da humanidade.

Entendendo que as comunidades se constroem a partir de modelos, atribuindo papéis sociais aos sujeitos que dela participam, é necessário pensar como são engendrados tais modelos e como eles são divulgados, de forma que as pessoas, espelhando-se neles, definam seus comportamentos. Nessa perspectiva, há que se considerar as relações de poder que então se estabelecem e as forças dialéticas que estão aí em conflito. Há, além disso, que se observar, também, como nesse embate cada um desenvolve estratégias de convivência e, muitas vezes, de sobrevivência, em especial, quando esse sujeito não se enxerga nos modelos que lhe são apresentados.

Pensando na forma como foram construídos os modelos que ainda perduram para a mulher, neste estudo considero o texto literário, visto aqui como uma das formas de representação cultural de uma sociedade, ao lado de outras manifestações artísticas ou não,

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

que fundamentaram as relações entre homens e mulheres. Neste caso, partimos de uma perspectiva feminista de gênero e isso significa também a escolha de uma metodologia e de uma postura política e ideológica. Uma escolha metodológica, porque dentro de uma perspectiva de gênero pretende-se apresentar um olhar que parte de um ponto de vista determinado, colocando-me como sujeito situado em um tempo e um espaço. E uma postura política e ideológica, porque me utilizo de uma categoria que está também imbuída de uma ideologia e que se caracteriza por um viés relacional: o gênero.

Já definido e estruturado nas pesquisas propostas por diferentes teóricas, a noção de gênero como categoria discute a forma como se fazia a crítica das representações culturais, da releitura de imagens e narrativas culturais, a qual se restringia na “diferença sexual”, antes de mais nada, como diferença entre a mulher e o homem. Conforme Teresa de Lauretis (1994), essa forma de ver a questão apresenta duas limitações: uma que confina o pensamento crítico feminista ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo (mulher como diferença do homem) e assim não vê a diferença entre mulheres; a outra que não sai da “casa patriarcal”, ou seja, mantém-se no modelo epistemológico baseado nas estruturas sociais patriarcais, não sai da “prisão domiciliar da linguagem”³¹.

Uma perspectiva de gênero é uma forma de atender a outras necessidades nas questões relativas às mulheres e aos homens em suas relações sociais. Ainda segundo Lauretis (1994),

Para poder começar a especificar este outro tipo de sujeito [um sujeito múltiplo, em vez de único, contraditório em vez de simplesmente dividido] e articular suas relações com um campo social heterogêneo, necessitamos de um conceito de gênero que não esteja tão preso à diferença sexual a ponto de virtualmente se confundir com ela, fazendo com que, por um lado, o gênero seja considerado uma derivação direta da diferença sexual e, por outro lado, o gênero possa ser incluído na diferença sexual como um efeito de linguagem, ou como puro imaginário – não relacionado ao real. (Lauretis, 1994, p. 208)

Essa posição atenta para o fato de que as diferenças não existem apenas entre a mulher e o homem, mas também entre as mulheres e entre os homens e acentua o caráter relacional, uma vez que a

³¹ Expressão utilizada por Nietzsche, citada por Teresa Lauretis.

noção de gênero implica efetivamente relações, relações de poder. Nesse sentido, a pesquisadora apresenta quatro proposições: 1) gênero é uma construção; 2) a representação de gênero é a sua construção e a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção; 3) a construção de gênero continua se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados; e 4) paradoxalmente, a construção de gênero também se faz por sua desconstrução.

O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação, ou, se me permitirem adiantar-me para a segunda proposição, o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer; assim, o gênero atribui a uma entidade, digamos a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe, e, portanto, uma posição *vis à vis* outras classes pré-constituídas. (Lauretis, 1994, p. 210-211)

Nos conceitos referidos por Lauretis, atendo-me a uma questão, aquela relativa às “diferenças sexuais” derivadas não da biologia ou da socialização, mas da significação e de efeitos discursivos. As diferenças sexuais, pensadas a partir da categoria de gênero, são produção a partir dos discursos dos sujeitos sociais. O sistema “sexo-gênero” discutido pelas teorias feministas é uma construção socio-cultural e um aparato semiótico, “um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade” (Lauretis, 1994, p. 212). Explicam-se, dessa forma, os efeitos discursivos. E os discursos são também engendrados pelos sujeitos sociais.

As teorias que se encarregaram do discurso se apóiam em diferentes valores para o mesmo. A noção de discurso conheceu, de fato, um impulso com o declínio e o crescimento das correntes pragmáticas da lingüística. Mas, neste estudo, interessa-me seu caráter de elemento contextualizado, a partir do conceito assumido por Foucault que leva o discurso para uma situação historicamente situada. Os sujeitos do discurso, ao produzirem seus enunciados, estão social e ideologicamente situados. O discurso é, portanto, um acontecimento, histórico e dotado de uma ideologia. Tal afirmativa é de fundamental importância na medida em que desejo falar sobre construções que definem comportamentos sociais, tais como os textos que escolhi para minha análise, as narrativas orais. Inquieto-me como Foucault,

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

ao se pronunciar em sua aula no Collège de France, na década de 70, porque sua suposição era de que

...em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2000, p. 8-9)

Se toda sociedade é construída através dos discursos e, mais fortemente, pelos discursos de poder, é necessário compreender quais e como são constituídas as vozes que falam ou que falavam, e se ainda continuam as mesmas, em que condições continuam. Também é preciso compreender se as vozes que se subordinaram a esse poder, realmente o fizeram e com a simples subserviência ou com alguma forma de resistir. Pensar, portanto, se se conseguiram desenvolver estratégias que burlassem esses discursos constituídos como discursos de poder.

Nessas instâncias discursivas de poder estão, por exemplo, as relações sociais construídas a partir da divisão social do trabalho, a partir da qual se organizam as sociedades, e na qual está já discutida a relação dessa questão com o sexo. As sociedades estruturam-se a partir de uma divisão de tarefas que são atribuídas de acordo com o sexo biológico dos seres humanos. O estudo que se baseia na “tecnologia de gênero”, na terminologia de Lauretis, busca desconstruir ou pelo menos questionar, por em cheque, a determinação de atividades, das práticas laboriosas, a partir da diferença biológica, trazendo a discussão para o âmbito cultural, desnaturalizando as concepções de homem e mulher.

Do mesmo modo, as teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas. Portanto, se considerando os “estudos da mulher”, esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à história, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes. Como se vê a categoria gênero encontrou aqui um terreno absolutamente favorável para ser abrigada, já que desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças sexuais. (Rago, 1998, p. 27)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Michelle Perrot (2007), buscando os vestígios de mulheres nos textos escritos para contar sua história das mulheres, vai encontrá-las nos seus papéis pessoais, nos bilhetes, cartas, diários. Os textos que me proponho a analisar, os romances, narrativas orais cantadas⁵, tornaram-se objeto de meu interesse, quando foram percebidos como representações culturais que, enquanto enunciados históricos, cumpriram o papel de ser também portadores de sentidos sociais, com relação aos papéis sociais destinados às mulheres. Eram narrativas que, conforme defendi em minha tese de doutorado, foram produzidas por mulheres. Transmitidas oralmente de geração em geração, ao longo de séculos, permaneceram e contribuíram para a formação do pensamento de nossa sociedade. O fato de serem orais deu-lhes um alcance muito interessante, porque não se limitavam aos campos da cultura que se auto-denominou “erudita”, a partir da Modernidade. Em diferentes camadas sociais, eles se difundiram, tendo começado, provavelmente, entre as camponesas, nos seus ambientes de trabalho (o pastoreio, a lavoura, na Europa, o roçado, os momentos para lavar a roupa, no Brasil, entre outras situações), chegando às salas de visitas ou às varandas, quando, depois, passaram a ser cantados nos serões, nas épocas em que os meios de diversão como a televisão ainda não tinham alcançado todos os espaços que hoje alcançam, como nas zonas rurais, por todo o Brasil.

Valendo-me da noção de gênero como uma categoria relacional e da noção de discurso como construção histórica e social, proponho uma leitura dessas narrativas. Neste artigo, estudo um caso especial: o de mulheres que considero terem se comportado de uma forma inesperada, como o convite amoroso ao homem, uma atitude de iniciativa, ainda hoje, não recomendada para as mulheres “de

⁴ Este início de parágrafo está corrompido neste ponto, mas o mantive porque não consegui contato com a autora para solucionar o problema. [Nota do editor]

⁵ Os textos aqui estudados são narrativas orais, que eram e, em alguns lugares ainda são, cantadas por mulheres. Os registros feitos pelo PEPLP (Programa de Estudo e Pesquisa de Literatura Popular), na Universidade Federal da Bahia, mostram que estas narrativas se mantiveram durante séculos através da memória de diferentes mulheres – a maioria dos intérpretes é mulher –, de classes sociais diferentes. Parecem estar mais vivas em cidades do interior. Há estudo acerca desse tipo de texto em outros estados brasileiros. Mas aqui nos ativemos à coleta feita na Bahia, durante a década de 1980/1990.

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

bem”]; ou como a exigência de eliminação de uma rival, para a conquista (aqui também a conquista, mesmo forçada) do homem desejado.

A POSSIBILIDADE DE DECIDIR: OUTROS PERFIS

Os romances, como representações culturais, apresentam modelos sociais, os quais devem ser considerados, porque, a partir de textos dessa natureza, tanto orais quanto escritos, os sujeitos de uma sociedade tomam conhecimento dos valores e crenças da sociedade em que vivem e na qual precisam sentir-se inseridos. Daí tomaremos como parâmetro para seus próprios comportamentos.

As histórias que são narradas nesses textos encontram paralelo em outras narrativas largamente conhecidas como os contos de fadas, os quais, ao longo do século XX, foram muito explorados para a educação de crianças, inclusive nas escolas, como recurso didático. Encontram aí os formatos conhecidos como uma consagração aos papéis sociais da mulher, quais sejam, os de mãe, de esposa, de filha, de irmã, de tia. Os espaços e funções estão nestes casos bem definidos. Pensando em uma síntese e em um recorte que, evidentemente, poderia ser outro, pode-se assim apresentá-los: a mãe, por seu “instinto materno”, preocupa-se sobremaneira com os filhos, educa-os, dedica-se a eles, tudo faz por eles – a madrasta de Branca de Neve, defensora incondicional de suas duas filhas mal-educadas, feias e cruéis –; a esposa, sombra do marido, sua segunda pessoa, a ele deve dedicar seus esforços, acompanhá-lo, defendê-lo, obedecer-lhe – a história de Flor do Dia apresenta uma mulher que, mesmo tendo parido recentemente, sai de seu leito de recuperação do parto, para acompanhar o marido –; a filha, como a mãe e a esposa, precisa ser obediente ao pai, submissa, dedicada – a doce Bela, no conto *A Bela e a Fera*, se oferece em sacrifício para proteger o pai, que roubara uma rosa –; a irmã dos cisnes que, para desencantá-los, submete-se a provas cruéis, tendo que confeccionar-lhes camisas feitas de urtiga, sem proferir palavra; e ainda a tia, personagem pouco presente, mas em geral um suporte para a família que perdeu a mãe, especialmente se ela é solteira.

Os tipos mais comuns em histórias que são contadas para crianças parecem privilegiar os modelos que apontam submissão, pas-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sividade, aceitação de uma condição subalterna e de segundo plano. No entanto, em algumas narrativas, deixam-se entrever outras condições, embora, nestes casos, ou a mulher é esmaecida ou é descrita como má. Escolhi duas narrativas, nas quais o perfil de mulher não corresponde ao mais habitualmente difundido.

No romance “Reginaldo”, a filha do rei interessa-se pelo jardineiro do palácio e convida-o para passar uma noite com ela em seu quarto. O rapaz recusa, dizendo que a moça está zombando dele. Ela insiste e afirma que não está caçoando dele. Depois de muita insistência, Reginaldo (que também é chamado de Gerinaldo) resolve atender ao convite da princesa. Eles marcam um horário. No momento combinado, ele vai ao quarto da moça e passa a noite com ela. Pela manhã, o pai procura pelo jardineiro. Não o encontrando, vai ao quarto da moça. Encontra os dois deitados “como dois casados” e coloca sua espada entre os dois. Eles acordam e se percebem descobertos. O rei pede ajuda aos conselheiros, que informam que Reginaldo é também um nobre. Dessa forma, o casamento entre os dois é permitido. Das versões estudadas (cinco), duas estão incompletas; outras duas apresentam este final em que se permite o casamento; mas uma traz uma personagem que não faz questão de casar. Nesta versão, a mulher declara que só queria passar uma noite com ele, nada mais. Curiosamente, a atitude dela contraria o que a sociedade propõe para a mulher, porque, em geral, ela deveria ficar preocupada em casar-se. Apenas a satisfação sexual lhe interessava.

Essa postura evidencia um comportamento inesperado, mas também uma forma diferente de pensar as relações entre homens e mulheres, uma vez que a filha do rei se coloca como alguém que decide. Também se acentua uma experiência sensual, negada à mulher, ao longo da Modernidade: criou-se uma conduta para a mulher que deveria manter-se casta e pura, portanto sem desejos, principalmente quando fossem desejos relacionados à sua sexualidade. A personagem declara:

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

– Reginaldo, Reginaldo, vassalo do rei querido,
quem me dera, Reginaldo passar uma noite comigo. (bis)⁶

Reginaldo é o personagem que apresenta o sentimento amoroso, porque pede que ela não zombe dele, que é seu cativo. Ele é cativo, pois é servo do rei e, assim, dela também, mas é cativo, porque ele gosta dela a ponto de, nesta versão, sendo também um príncipe, disfarçar-se de jardineiro, para ficar perto dela.

Não zombe de mim, Senhora, que sou vosso cativo.

Na versão em que a filha do rei declara que só queria passar uma noite e nada mais, é a intérprete que explica o desejo da personagem.

Ele aí virou pra ela, fez:

– Quer dizer que só uma noite você ia passar comigo? Seu pai pode me matar, é?

Ela virou pra ele:

– Só era uma noite; se ele quiser lhe matar, pode matar.

O romance “Conde Alberto” conta a história de uma princesa que deseja casar-se e o único homem, dentre os fidalgos, disponível era Conde Alberto. Mas ele já era casado. Essa condição não demoveu a princesa do que queria e ela exige do rei, seu pai, que mande o conde matar sua mulher, para que ela pudesse conseguir o que desejava. O conde vai obedecer ao rei, mas a princesa morre, em cada versão, de uma forma diferente, e ele não precisa matar a mulher.

Neste texto, temos outras questões como a moral apresentada para que uma mulher não deseje o marido de outra; ou como a necessidade tão premente de uma mulher se casar que ela não hesita em exigir a morte de outra, para conseguir esse intento. Entretanto, interessa nessa reflexão a determinação que essa princesa apresenta. Ela deseja, ela quer, ela impõe.

– Limeira botou limeira, figueira botou fulo.

É tempo, Senhor Rei meu pai, é de me dar o meu mari.

⁶ Este trecho foi retirado do romance Reginaldo, narrado/cantado pela intérprete Esmeralda Araújo Zuanny, em 1984, na cidade de Salvador. Os trechos que o seguem são do romance Genário, narrado/cantado pela intérprete Maria de Lourdes de Jesus Lima, em 1986, em Salvador. A primeira intérprete era natural de Salvador e segunda é natural de São Francisco do Conde.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ele virou pra ela e diz:

– Que marido eu te dou que eu não tenho que te dar?

Só se for o Candioloço, ê este tem mulher e fi. (bis)

Ela virou pra ele e diz:

– A mulher se mataria, os filho se criaria.

Eu quero a cabeça dela, ê nesta formosa bacia. (bis)

Embora o objeto de desejo faça com que os ouvintes coloquem-se contra a sua postura – afinal, ela quer destruir uma família que está bem, a mulher, o marido e os filhos compõe a família perfeita –, é a determinação que se evidencia nessa personagem. Ela não hesita para conseguir o que quer, mesmo à custa do sofrimento de outros. É claro que, neste caso, ela será punida, porque sua atitude é condenada. A questão que se coloca de horrível na sua atitude é o desejar a morte de outra pessoa, nessa história, inocente.

PARA CONCLUIR

A análise de um texto, na perspectiva de gênero, pensando nessa noção como uma categoria relacional e como construção discursiva, como discurso engendrado em um contexto histórico e social, pode nos levar a ratificar os estereótipos sociais, apresentados como modelos para os papéis sociais destinados às mulheres. Mas também pode revelar situações inesperadas, que muitas vezes tinham nos escapado, dadas as certezas nas quais estamos mergulhados, em função de nossa formação.

A mulher em espaços de decisão não costumam ser mostradas ou quando o são, são ofuscadas por homens ou por outros perfis de mulher que atendem ao que preconiza a sociedade. Mas olharmos com outras perspectivas, podemos enxergar mulheres que tomaram as rédeas de sua própria vida, independente da vontade dos homens, como assistimos na contemporaneidade, em muitos exemplos, mas isso é outra história.

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOFORADO, Doralixe Fernandes Xavier & ALBÁN, Maria del Rosário Suárez (orgs.). *Romanceiro Ibérico na Bahia*. Salvador: Livraria Universitária, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. **In:** HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses*: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. **In:** PEDRO, Joana Maria & GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). *Masculino, feminino, plural*: gênero na interdisciplinaridade. 2ª reimp. Florianópolis: Mulheres, 2006, p. 21-41.